

A BORBOLETA

HEBDOMADARIO DE LITTERATURA

DIRECTOR LITTERARIO

DIAS FREITAS

DIRECTOR ECONOMICO

SOUZA APANDES

VOLUME III

1877



BRAGA

TYPOGRAPHIA LUSITANA

Rua Nova de Souza, 3

PORTO

TYPOGRAPHIA NACIONAL

Rua de St.^a Thereza, 18

1877



BORBOLETA

HEBDOMADARIO DE LITTERATURA

VOLUME III.

NUMERO 1

DOMINGO 18 MARÇO DE 1877.

Director litterario—DIAS FREITAS

Director economico—SOUSA ARANTES

INTRODUCCÃO

Enceta hoje o nosso humilde semanario o seu terceiro volume.

Não sabemos se tem havido sempre flores nas paragens onde a timida *Borboleta* esvoaçára: é certo, porém, que nenhuma sorte de inclemencias lhe desbotou ainda o irisado das azas, dia a dia mais vigorosas, dia a dia mais brilhantes.

Lidadores obscuros, aquecemos-nos ao favor do publico, de quem temos recebido o gazalho e o alento n'esta peregrinação trabalhada.

Fanaticos da litteratura, afundamos para o ultimo degrau do deprêso quem porventura a desadore.

Presume-se facilmente a alegria que nos vac n'alma ao contemplar a já longa existencia da *Borboleta*, existencia extraordinaria até, nos tempos que decorrem, avêssos extremamente a publicações d'esta indole.

E' caso phenomenal a sustentação d'um periodico litterario n'este nosso abençoado paiz, e mormente n'um cantinho de provincia. Este facto, se nos honra a nós, honra mais ainda os cavalheiros que nos teem auxiliado constantemente, em o numero dos quaes avulta o jornalismo illustrado, a quem devemos gratidão vivissima.

Oxala que jamais nos falta a protecção d'uns e d'outro.

DIAS FREITAS.

CARTAS BIBLIOGRAPHICAS

III

(Continuação)

Na carta 2.^a, consagrada á *Vida de S. Theotónio*, dá-nos o nosso confrade *Fernandes Thomaz* — com individuação minuciosa — a enumeração e a exposição dos *cartões*, sobrepostos n'algumas passagens d'esta obra de *D. Timóteo dos Martyres*.

Faz-nos vêr por este modo, que o texto primitivo da obra fôra ulteriormente correcto: — resultando d'isto a existencia de *duas ordens* d'exemplares d'ella.

Soppomos no entanto, ter havido ainda uma *nova ordem* d'exemplares d'esta obra: — exemplares desconhecidos do nosso illustrado biblióphilo, e de que possuímos um exemplar mimoso.

Fundamos-nos para isto, em suppor fidelissimas as transcripções do nosso illustrado confrade.

IV

Eis-aqui a cópia integral do *rosto* do nosso exemplar, trancripta com a *alineação* respectiva:

« VIDA | DO BEMAVENTVRADO |
« PADRE SANTO THEOTONIO, | Pri-
« meiro Prior do Real Mosteiro de | San-
« ta Crus de Coimbra de Cone- | gos Re-
« gulares do Patriarcha | Santo Agostinho.
« | ESCRITA EM LATIM | por um Reli-
« gioso contemporaneo, & | discipulo do mes-
« mo Santo. | TRADVZIDA EM NOSSO VVL-
« GAR PORTVGVES, | juntas as vidas de ou-
« tros Santos, & Santas, colle- | gidas de
« diuersos, & graues Autores. | POR DOM

« *TIMOTHEO DOS MARTYRES*, | *Conego Regular, & filho do Convento de Santa Cruz de Coimbra, & natural da mesma Cidade.* | Offerecidas | ao Grande Padre Santo Theotónio. | EM COIMBRA. | *Com todas as Licenças necessarias.* | Na impressão de Manoel de Carualho Impressor da | Vniuersidade Anno M. D C. L.

Forma esta obra um volume em 4.^o, com XV pp. innumerad., 238 pp. numer., e I p. inum. — além d'uma gravura em cobre, com o retrato de S. Theotónio. — E' esta na integra a sua *compaginação*, individuada com exactidão catalogaphica.

V

Comparada a transcripção exposta, com a do nosso illustrado confrade—dada nas pp. 14 e 15 das *Cartas Bibliographicas* — reconhecem-se de prompto differenças de *tiragem*, attinentes de certo a *duas impressões* distinctas.

Eis-aqui a cópia do *rosto* dos exemplares da *vida do sancto* — sem os *cartões* e com elles — conforme o transumpto do aludido biblióphilo :

Vida do bemaumentado Padre Santo Theotónio, Primeiro Prior do Real mosteiro de Santa Cruz de Coimbra de Conegos Regulares do Patriarcha Santo Agostinho. Escrita em latim por um Religioso contemporaneo & discipulo do mesmo Santo. Traduzida em nosso vulgar portuguez, juntas as vidas de outros Santos & Santas collegidas de diuersos & graues autores. Por Dom Timoteo dos Martyres, Conego Regular & filho do conuento de Santa Cruz de Coimbra, & natural da mesma cidade. Offerecidas ao grande Padre Santo Theotónio. Em Coimbra, com todas as licenças necessarias, na impressão de Manoel Carualho, impressor da Universidade. Anno MDCL.— (4.^o—de XVI inum.—238 pag.)

Chegados a este ponto, podêmos dizer aos nossos leitores — com o nosso amador Fernandez Thomaz — o que elle então lhes dissera tambem :

« Transcrevi todo o frontespicio, apesar de ser um pouco longo : — mas em bibliographia nada é superfluo ; e além d'isso o livro é raro. »

(Continua)

Braga.

PEREIRA-CALDAS.

AS FEIAS

Tenho pena de vós, ó desherdadas
Da natureza mãe, bella e fecunda.
Tenho pena de vós, desventuradas,
Que nem um raio de belleza inunda.

Vêdes em tórno a vós as mais creanças
Abrindo o seio a vividas chimeras,
E vós choraes perdidas esperanças
—Flôres tambem— sem terdes primaveras.

O homem que ao passar o olhar vos fita,
Os olhos volve logo em ar de enfado...
E o fundo golpe o vosso peito excita,
Como um fino punhal envenenado!...

Nem sorrisos vos dão labios amantes,
Uma frase de amor, uma saudade!...
São torturas crueis, dilacerantes,
Na auróra do viver, na mocidade.

Tendes no peito o amor immenso e puro,
Mil encantos, talvez, á vista occultos...
E olhando além só vêdes no futuro
Do Isolamento e Dôr os negros vultos.

Que mal fizestes vós, ó desditosas,
Ao Deus que assim vos néga a formosura?...
Não sois rosas tambem, irmãs das rosas?
Porque vos nega o arôma, o viço, a alvura?...

E' fado, é sina, ó tristes desherdadas!...
Chorae, chorae perdidas esperanças
Velando-vos as faces desmaiadas
O negro manto das formosas tranças.

Lisboa.

VICENTE NOVAES.

A CRITICA

Na critica, como em muitas outras coisas, ha diversidade de opiniões. Querem alguns clausurar o talento nas formulas estreitas e acanhadas da esthetica ; desejam outros que a inspiração seja livre, e não se vase em moldes já conhecidos e gastos.

Quem tem razão ?

Eu voto francamente pelos segundos. A sciencia é uma grande coisa. Quem póde negal-o? Querer ser mestre sem compulсар os mestres, é presumpção vaidosa e absurda. Mas ensinem-n'os, digam-nos porque arte surpreendente se anima o marmore em risos satyricos, quando por so-

bre a face rugosa da pedra passa o buril fremente do talento? Expliquem-nos, como a tella tem vida, calor e enthusiasmo sob o pincel inspirado do artista?

Leiamos as composições dos poetas, e, permittam-me a expressão, escutemos depois. Não lhes parece ouvir o som das cordas d'um alaude, vibradas pela mão ignota d'um genio? Não lhes percorre as yeias o calafrio do enthusiasmo?

E' o *sexto sentido* que se manifesta n'um traço, n'uma palavra! E' a faculdade d'alma que não se presta á analyse psychologica dos sabios, que se nos revella subitamente, radiante de inspiração.

Se isto não se póde explicar, como se ha de prender nas regras apoucadas d'uma sciencia? Não póde ser!

Deixemos, pois, o talento crear coisas novas e dizel-as a seu modo. Elle é essencialmente innovador. Eu, se pudesse legislar n'esta materia, poria unicamente um limite á veia creadora dos escriptores: — o *sensu commum*. Andam por ahi uns *escrevedores* que pertendem ter fundado uma eschola novissima. Eu, por mim, tenho duvida em decidir se elles são ridiculos, ou sublimes. Se os conhecesse pessoalmente, podir-lhes-ia que, nas futuras edicções dos seus escriptos, notassem com asteriscos os versos dos quaes a gente se pode rir francamente.

Dão-nos elles a proposito da ethnographia:

As más peripecias dos bordeis,
As *noites molles* dos prostibulos,
As chagas purulentas dos mastins.

(Esta imagem é a photographia do leitor, que o poeta lhe offerece como brinde não annunciado nos prospectos da obra. Uma surpresa!)

Emfim, tudo que por ahi ha de repellente, assoalhado em estylo... sublime.

Quanto a politica e religião temos:

Punhaes — fogueiras da inquisição — o despotismo esqualido, medonho, que como o Cerbero da «Divina Comedia»

Gli occhi ha vermegli, e la barba unta, ed atra

a farrapagem da canalha, que roe ossos de companhia com os gozos, mas que *andou* com Jesus e que *fez* Roma, a Inglaterra e a Hollanda.

Fiquem sabendo que foi a canalha que *fez* Roma, a Inglaterra e a Hollanda!

Vem depois Torquemada:
Torquemada sanguinario,

Torquemada Vampiro,
Torquemada antropophago, que come cabeças de creança com salada de pepino,
Torquemada para a direita,
Torquemada para a esquerda.

Ha tal poeta que almoça:

Torquemada com ovos estrellados.

janta:

Filletes de Torquemada;

e ceia:

Esperregado de Torquemada.

Puzeram na cabeça da musa o bonnet phrygio, e atiraram com ella á scena onde se representam as indecentes comedias da libertinagem, e os dramas terriveis da indigencia.

E' esta a grande obra dos poetas modernissimos.

O seu canto respira odio! Pretendem reformar a sociedade, e lançam no meio d'ella o facho incendiario das discordias! oh! philosophos, oh! poetas! Não é esse o bello na arte, nem o bem de nossos irmãos. Ensinæ a essa canalha, que disputa, a os mastins, os ossos do entulho; que para subir é preciso trabalhar e saber. Ensinæ aos grandes, que para descer é preciso amar; mas ensinæ-lhes isto nas escolas e nos livros de ensino; deixæ á poesia as suas insignificancias sublimes.

Porto, março—1877.

ALMEIDA PINHEIRO.

— o o o —
O CAFE

II

Il n'est personne qui n'ait constaté avec une complaisance sensuelle, et sur lui-même, les effets que produit cette boisson.

Fonsagrives—HYGIENE—Pag. 345.

Bebida dos estudiosos, bebida dos sabios, como geralmente se diz, e como é verdade, pois que a prática nol-o tem confirmado. Bebida emfim que faz aclarar as ideias, e favorita dos litteratos, como do grande Balsac e outros nas suas horas de continuas e uteis lucubrações.

Esta planta pertence á familia botanica das rubiaceas, a qual tem o singular privilegio de fornecer á hygiene e á medicina tres plantas diversas nas suas applicações, e de grande utilidade para o homem, tres

plantas diferentes: o café, a ipecacuanha e a quina, principalmente as duas ultimas, que fiseram uma grande revolução em medicina. Quem negará os prodigiosos effeitos da casca peruviana e do cipó, substancias que a toda hora estão por mim e por todos meus collegas sendo empregadas com proveito? Que seria da humanidade sem a quina, ou seu alcaloide, principalmente nos climas intertropicães, onde a perniciosa está a toda a hora fazendo tantas victimas? Como evitar os embaraços gastricos, se não conhecessemos a ipecacuanha e o tartaro emetico? Que seria de nós, principalmente nas horas de *spleen*, se não fôssemos aos cafés tomar café, se não fôssemos aproveitar as horas d'ocio, lendo os jornaes do dia, e cavaquear com os amigos? Salvè, salutar bebida que no presente seculo tens obtido a acceitação geral, e que, apesar do anathemá de algumas pessoas de espirito, dos sarcarmos dos medicos, das injustas calumnias do vulgo, sahiste triumphante, pois não ha no seculo do progresso alguma pessoa, que deixe de tomar a sua chavena de café em frente das brilhantes luzes e dos irradiantes espelhos, no café, o asylo a certas horas do nobre e do plebeu, do artista e do escriptor.

Já em 1862 só em França se importavam 31,492,485 kilogrammas de café. E proporcionalmente quanto se importa hoje mais, tanto lá, como nos outros paizes? Em Portugal bebe-se muito café; está tão vulgarisado aqui, como na Hespanha o chocolate. E' uma bebida intellectual por excellencia; até o auctor d'estas linhas pode asseverar esta grande verdade, pois que tomando-o á noute pode dilatar-se por mais tempo nas suas lucubrações; aclaram-se-lhe muito mais as suas ideias; concebe com mais facilidade e dicta mais correntemente e em mais fluente estylo.

E os dois estimulantes do systema nervoso, o chá e o café, tambem muito usados por uma propulação, eminentemente liberal e laboriosa, o povo belga, tem o mesmo alcaloide sob nomes diferentes — a *thena* e a *cafeína*.

Quando estavamos na Africa oriental quantos vezes passámos junto do cafeseiro, e admiramos a elegancia de sua folhagem, o suave arôma de suas brancas flores, e até o seu fruto com as suas côres diversas, e tão agradaveis á vista.

Que bello é o café creado em Moçambique, em que o grão mais meúdo dá, quan-

do bem torrado, uma bebida tão aromatica e saborosa, tonica e estimulante?

Quem deixará de ter saboreiado os cafés moka, borbon, martinica, java etc., e quem, misturando-os, deixará de encontrar o *ne plus ultra* de qualidades sapidas e odoriferas?

(Continúa)

Pombal.

DR. LINO DE MACEDO

III.

Remember

E' como a nota crystallina e pura,
Que o orvalho vibra ao gotejar da flôr,
O adeus que envio d'esta noite escura
A ti, que em risos lhe doiraste o alvôr.

Que alvôr! Que aurora! Que arreból d'es-
p'rança
Despontam n'alma que te escuta a voz!
Que doce arfar! Que celestial bonança
Embala a mente, que em ti cuida a sós!

Partiste!.. e a brisa que perpassa em roda
Quente do beijo que o astro-rei lhe deu,
A' ave, á onda, á natureza toda,
Eu peço o timbre d'essa voz do ceu.

Na cor do occaso esbraseado ou fusco,
Nos reverbêros que irradia o prisma,
No olhar ingenuo da criança, eu busco
Aquelle olhar com que minh'alma scisma.

A ti, o anjo, pedirei em 'smola
Um só fulgor dos pensamentos teus!
Um pensamento per si só consola
O triste em pranto que te diz adeus:

Adeus que envio d'esta noite escura
A ti, que em risos lhe doiraste o alvôr!...
O adeus da nota crystallina e pura
Que o orvalho vibra ao gotejar da flor!...

Porto, 1877.

A. P.

A ALGUEM

Envio-lhe o estralar da minha gargalhada
Agora que eu não scismo em mysticos amores...
—Havia na minh'alma algumas pobres flôres,
Mas tudo se esfolhou ao sopro da nortada!

Ah! quando uma alma ardente e moça e apaixonada
Sente o frio zunir dos ventos destruidores,
Affaz-se a vida nova,—á vida dos horrores
E nunca mais levanta a face desmaiada!

Um novo mundo abraça—um mundo que é um
abysmo
Onde ha reptis e fel e sombras e cynismo,
As revôltas do mar e as frias decepções;

Do meio d'este abysmo, esplendida senhora,
Eu mando-lhe a ironia audaz que me devora,
E d'uma gargalhada as grandes convulsões!

Porto—1877

BERNARDINO PASSOS

O CASTELLO DE ANCIÃES

Como monumento de archeologia, e de verdadeira antiguidade, merece considerar-se um castello já arruinado, que existe proximo da freguezia da Lavandeira, pertencente hoje ao concelho de Carrazeda de Anciães.

As suas ruinas vetustas estão indicando, á contemplação do viajante, o perfeito abandono em que existe um monumento tão precioso pela sua antiguidade, e glorioso talvez pela historia, que encerra dentro d'aquellas paredes cheias de musgo e ameias desguarnecidas.

Divisa-se ainda perfeitamente a porta ogival o que dava entrada para aquelle recinto fortificado.

E' de construcção antiquissima, remontando talvez ao tempo da invasão sarracêna, em que os povos d'aquelles sitios o construíram, para se defenderem contra os ataques das hordas mohametanas.

Desmantelado, como hoje está, ainda assim os seus preciosos vestigios, contidos n'aquellas ruinas, indicam quão grandioso foi o pensamento, que em eras remotas presidiu á sua construcção.

Em geral, a provincia de Trás-os-Montes abunda em contrucções antigas, hoje em ruinas, e em tradições memoraveis, que passam invariavelmente de paes a netos, e são contadas nas longas noutes do inverno. Poucas são as povoações, que, remontando a sua origem aos tempos anti-

gos, não apresentem ou um castello arruinado, que serviu de escudar os seus habitantes contra as repetidas luctas, em que a nossa nacionalidade andou empenhada, ou um outro monumento publico, cuja construcção seja antiquissima.

Podiamos exemplificar este assérto com muita minuciosidade, mas contentar-nos-hemos com apresentar poucos exemplos, e que provem de sobejo quão rica é esta provincia em antiguidades.

Assim, em Villarinho da Castanheira, povoação hoje aberta, á qual fôra em outros tempos dado o foral de villa pelo nosso rei D. Manoel, existem tambem as ruinas d'um castello desmantelado, em uma eminencia que domina toda a povoação, e onde hoje se faz uma feira mensal.

Dentro do termo d'esta mesma villa, ha um sitio escabroso e ingreme, chamado a —Osseira; pois dizem que ali se ferira uma batalha n'uma das invasões castelhanas, e que estes foram tão derrotados, que deixaram o campo juncado de cadaveres, aos quaes os habitantes não poderam dar sepultura; e que, em virtude dos ossos e esqueletos que pelos tempos adiante ali appareciam, fôra este local chamado a —Osseira á maneira do campo da manança, assim cognominado pela derrota que n'elle soffreram os soldados de Affonso 7.º

De tradições antigas é tambem muito abundante toda esta redondeza, chamada —Anciães, e que hoje constitue propriamente o concelho de Carrazêda d'Anciães, assim conhecido pela sua antiguidade; e tanto que ainda hoje usa nos seus braços; e armas, o distico antiquissimo de —Anciães sempre leal aos Reis de Portugal.

Continuaremos n'este assumpto, se os amadores de antiguidades entenderem que estes escriptos humildes na forma, teem algum merecimento no assumpto.

M. ALMEIDA BARBOSA.

LA ACADEMIA

(Continuação)

—«Não me enfureças, mulher—não:— não me recordes quanto se me passa na vida.— Não me enfureças, dizendo-me quam longe do meu alcance está a felicidade.— O caçador, que tem por unico patrimonio o arco e as settas—o maritimo, que tem por unicos bens o batel e a

redes—ambos podem ser felizes.—E não o pôde ser, o que tem prezos nas redes do seu jardim a todos os homens, como se os tivera caçado a um e um!

—«Ah! Cesar. —No momento em que devíamos gosar da nossa dita, vieram separar-nos os teus, dizendo-nos que te pertenciam as primicias do meu amor. —O meu noivo, antes queria matar-me, que consentil-o: mas eu prometti-lhe voltar pura ao seu lado, ou cair morta por terra. —E estou resolvida a cumprir a minha promessa, que na presença dos deuses está elevada a juramento. —Agora que és velho, Tiberio, não deves contrariar a felicidade dos jovens. —Tens de sobra para ti com o teu podêr immenso, com a tua gloria immarcessivel, com os denses por companheiros, com o povo romano como rebanho. —Embebece-te no góso de tantas ambições: —e aos sêres menos visiveis das tuas alturas, que as esponjas sumidas no meio das ondas, deixa-os entregues á dita completa da vida e do amor. — Não te pedimos mais que um pouco d'espaco: pedimos-te apenas, que não védes o ar aos nossos peitos, nem o amor aos nossos corações. —Seremos ditosos em qualquer parte do mundo, uma vez que vivamos ambos junctos—eu e o meu esposo. —Como os homens não podem separar o que os deuses junctam, deixa-nos a ambos em paz. —Um momento de prazer, tam rapido e fugaz como um suspiro, não vale a tortura horrivel que iria custar-te. —Se tu me deixas, ouvir-me-has gorgear como a ave cantitante, a que se deixa livre a amplidão do espaco. —Se me retens aqui preza e escrava, não conseguirás nunca os teus intentos. —Não verás que os meus labios se colem amorosos aos teus, nem que sobre os teus olhos se fixem gostosos os meus. —Nunca verás senão o estremeccimento que produz, não o prazer dos sentidos, nem os deliquios d'alma, senão os transes acerbos da dôr, e a desesperação d'uma agonia horrivel. —Deixa-me por isso: deixa-me sahir d'aqui. —E eu e meu esposo, como os nossos filhos, iremos depôr agora offrendas nas tuas aras, e flores ao depois no teu sepulchro. —Uma palavra tua — uma palavra só; e seremos todos felizes.

—«Olha, mulher: —essas tuas resistencias appellidadas por tii venciveis, aguilhaam cada vez mais a intensidade dos meus desejos.

—«Desejos irrealisaveis,

—«Porfiarei.

—«E porfiará muito mais a minha debil vontade.

—«Vencerei por fim.

—«Sobre um cadaver.

—«Que dizes, mulher?

—«Digo-te a minha resolução.

—«Nem a morte —sem a minha permissoão— podes tu invocar: —porque não te ouvirá a morte.

—Tiberio, attende-me por piedade. — Não me atormentes mais: —olha que pôde a pomba converter-se em hyena. — Como? —dirás tu. —Escuta: tenho o calix da felicidade aos labios; — e tu vens arrebatarmo furioso, quando foram os proprios deuses, os que me brindaram com elle. — Não, Cesar: — defender-me-hei como a leoa enraivada: —e morrerei, se é mister, como a côrça perseguida. —Mas tua, Tiberio— tua — nunca eu o serei: — nunca!

[Continúa]

PEREIRA-CALDAS.

SONETO

O' urna de cristal immaculada,
Onde guardava o coração, que um dia
Alguem me deu, na ultima agonia
Roubando-o a Deus, á terra, ao pó, ao nada

Que mão occulta, diz, prenda adorada
Levou-me o coração que estremeçia,
E minh'alma deixou erma, sombria,
Soltando ais em lugubre toada.

O' urna embalsamada de esperanças!...
O' triste monumento, que me alcanças
A vida exhausta quasi e o pensamento!

Alguem que conhecia a minha dôr
Me respondeu: descança, ó sonhador,
Era de Deus, subiu ao firmamento!

Lisboa.

FRANCISCO DE MENEZES.

EMMELINA

(Continuação)

Ao entrar no bosque, o som da trompa de caça fez empinar o cavallo que ella montava. Costumada aos caprichos do animal, depois de o ter secegado, quiz castigal-o; uma chibatada dada com força ia-lhe cus-

tando a vida. O cavallo, espantado, atravessou os campos, e arrastava a imprudente amazona a um profundo barranco, quando o senhor de Marsan, que se tinha apeado, correu a segural-o; mas o choque deitou-o ao chão, ficando com um braço quebrado.

Desde esse dia, o caracter de Emmelina pareceu mudar inteiramente. A' sua alegria succedeu estranha distracção. Tendo fallecido, pouco tempo depois, a senhora Duval, a herdade foi vendida; e havia quem dissesse, que, na casa do arrebalde de S. Honorato, a menina Duval levantava regularmente a sua persiana, á hora em que um bello rapaz passava a cavallo, indo para os campos Eliseos. Como quer que fosse, um anno depois Emmelina declara a sua familia as suas firmes resoluções. Não preciso dizer as razões, e o motivo que houve para a convencer. Após seis mezes de pertinaz resistencia, apesar de tudo quanto fizeram e disseram, tiveram de ceder á vontade da menina, e fazel-a condessa de Marsan.

II

Realisado o consorcio, resurgiu a alegria. Era para ver aquella mulher tornar-se criança depois do noivado; parecia que a vida d'Emmelina estivera suspensa do seu amor: desde que este foi satisfeito, retomou o seu curso, á similhaça d'um arrio detido um instante.

Já não era no quarto escuro, que diariamente se passavam as suas puerilidades; era no palacio de Marsan e nós salões mais graves. Imaginem que effeito isto produzia. O conde, sério e ás vezes sombrio, constrangido talvez pela sua nova posição, acompanhava tristemente sua mulher, que ria de tudo sem pensar em nada. Ao principio, isto causou admiração, depois censura, e por fim indifferença, como acontece com todas as coisas. O snr. de Marsan não tinha boa reputação como pretendente, mas tinha-a como marido; debalde quizeram ser severos, todos ficavam desarmados ante a benevola jovialidade de Emmelina. O tio Duval tivera o cuidado de annunciar que o contracto, em virtude da riqueza, não punha sua sobrinha á mercê d'um senhor; o mundo contentou-se com esta confidencia, que lhe fizeram: e, enquanto aos precedentes a realisação do casamento, fallaram d'isso como d'um capricho, de que os tagarellas fizeram um romance.

A' puridade, perguntavam, todavia, uns

aos outros, que extraordinarias qualidades tinha o senhor de Marsan para seduzir uma rica herdeira e determinal-a a fazer similhaça tolice. As pessoas a quem o acaso não favoreceu, não imaginam que facilmente se disponha assim de dois milhões, sem um poderoso motivo. Não sabem que, se a maior parte dos homens preferem o dinheiro a tudo, uma joven não lhe dá valor, principalmente quando nasceu com elle, e não viu seu pae ganhar-o. Era esta a historia de Emmelina. Casára com o senhor de Marsan, unicamente porque lhe agradou, e porque não tinha pae nem mãe que a contrariassem; quanto á differença de haveres, nem sequer pensou n'isso. O senhode Marsan seduzira-a com as qualidades exteriores que distinguem o homem: a belleza e a força. Praticára diante d'ella, e por causa d'ella, a unica acção que lhe fez pulsar o coração; e, como a uma jovialidade habitual se allia muitas vezes uma disposição romanesca, aquelle coração inexperiente exaltára-se. A louca condessa amava excessivamente seu marido; nada achava tam bello como elle; e, quando lhe dava o braço, coisa alguma a obrigava a voltar a cabeça.

ACROSTICO

V teu nome, anjos e homens,
 N amoradas, terra e céos,
 N'alma em jubilos adoram
 V que é mãe da Mãe de Deus.

V sonhar tenho vivido;
 N amorava-me o pensar
 N essa tua linda imagem,
 V meus olhos sem cessar:

V meus olhos, sim, mas d'alma;
 N a minh'alma é que eu te vi,
 N esses phantasticos mundos,
 V que eu subia até'qui.

V nte mim, la desde a infancia,
 N nunca deixei de bem vêr
 N imia, excelsa formosura,
 V dornando-te, mulher!

V visão era constante...
 Não, não era só visão!
 Não se desfez, como nuvem,
 Vquelle sonho d'então:

V o vêr-te agora... da imagem,
 Naquelle sonho a brilhar;
 Nada te falta, meu anjo!
 Vh! tu vens-m'a realizar!...

Vssim, assim é que eu via,
 Na mansão que habita Deus,
 Nuvensinha auri-fulgente
 Vdesenhar-te nos céos!

Vncioso d'encontrar-te
 Neste mundo, em vão busquei;
 Nem uma só das mulheres
 Vté hoje igual achei.

V vista d'ellas, descrente,
 Nem um affecto senti;
 Não vi nenhuma até'gora
 Vsimilhança de ti!

Vgora sim, hoje ao vêr-te
 Na alma a esp'rança tem fulgor,
 Nasceu n'alma a luz, a vida,
 Vi! que a vida é este amor!...

JOSÉ D'ORNELLAS.

ELVIRA

(Continuação)

—Foi então v. ex.^a que ha pouco, quando eu estava no caramanchão, escarneceu do meu amor?

—Não escarneci; animei-o.

—Como é bôa, snr.^a baroneza. Desculpe a minha fraqueza; amei-a, amo-a ainda, mas esse amor não se trahiou por um movimento, por um olhar sequer. Deixe-me sair d'esta casa, para a sua felicidade ser completa. Os pobres, os infelizes, os desgraçados, não devem perturbar os favorecidos da fortuna, os venturosos, os felizes. Eu, aos olhos da sociedade descrente e cynica, e que se agita nos turbilhões da ambição, não sou mais que um miserero paria, ao passo que v. ex.^a é uma soberana, uma rainha.

—E que me importa a mim a socieda-

de? Não vê que a desprezo, que a detesto, que me afasto d'ella?

—Assim é, minha senhora; mas... por obsequio... por piedade não diga a pessoa alguma que eu lhe disse que a amara, porque isso era expor-me á irrisão popular. Guarde em si esse segredo e eu procurarei na morte o termo d'este acrisolado amor.

—E se esse amor fosse correspondido, ainda procuraria a morte?

—Não, senhora baroneza. Se eu possuísse o anjo de donairosas azas, a quem tanto amo, fugiria á morte, se possível fosse, porque então era o homem mais ditoso, mais feliz do mundo. Mas não creio que o meu amor seja correspondido... Não, não é possível!

—Como se engana! Eu tambem o amo com um amor pura e verdadeiro. Quando o snr. entrou n'esta casa, senti por si uma viva sympathia. De dia para dia essa sympathia augmentou e em breve se transformou em amor. A sua confissão ao meu mordomo foi-me por elle revelada. Decidi então proporcionar-lhe todas as occasiões possíveis para o snr. se declarar. E n'esse intuito...

A baroneza, não pôde continuar, porque eu, tomando-lhe as mãos, interrompi-a, dizendo:

—Ah! felicidade inaudita! Não sei como pagar-lhe tanta ventura...

ARNALDO JOSÉ MARTINS.

EXPEDIENTE

Ao inaugurar o 3.º volume da *Borbole-ta*, cumprimos um gratissimo dever agradecendo aos illustrados jornalistas, que tão benevolmente teem acolhido este semanario, e dos quaes esperamos continuar a merecer tão subida honra.

Só se acceitam assignaturas por series de 12, ou de 24 n.ºs

Os cavalheiros a quem enviamos o presente n.º, e o não devolvam á redacção no praso de 8 dias, ficam sendo considerados como nossos subscriptores.

Escriptorio da administração, rua do Souto, n.º 32.

Todos os documentos respectivos á administração, serão assignados pelo nosso collega
FRANCISCO D'AMORIM